

BRASIL ROTÁRIO

Português

A REVISTA REGIONAL DO ROTARY NO BRASIL SETEMBRO 2011 ANO 86 Nº 1071



FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO

**A maior obra
educacional
do Rotary**

www.brasil-rotario.com.br



Sumário

- 05** MENSAGEM DO PRESIDENTE
Kalyan Banerjee
- 10** COLUNA DO DIRETOR RI
Um novo mundo pode ser encontrado perto de você
José Antonio Figueiredo Antiório
- 12** ROTARY MUDANDO VIDAS
Caridade sem fronteiras
Kate Nolan
- 18** SOCIEDADE
Vem aí a Rio + 20
Eduardo Athayde
- 20** TRADIÇÃO E HISTÓRIA
Os valores do rotariano
Luiz Coelho de Oliveira
- 28** COLUNA DA ABTRF
Utilizando a ferramenta certa
Gerson Gonçalves
- 30** CAPA
Educação com responsabilidade social
Luiz Renato D. Coutinho e Nuno Virgílio Neto
- 40** NÓS E O ROTARY
Não se lava carro alugado
Antonio Hallage
- 44** COLUNA DOS COORDENADORES REGIONAIS DA FUNDAÇÃO ROTÁRIA
Captação de recursos
Henrique Vasconcelos e José Carlos Carvalho
- 45** COLUNA DO CHAIR DA FUNDAÇÃO ROTÁRIA
Qual será o seu legado?
William B. Boyd

Pág. **30**

● COLÉGIO RIO Branco:
projeto educacional de alto
nível e em sintonia com a
responsabilidade social

Seções

- | | |
|-----------------------------------|---|
| 04 Cartas e recados ●
Saudades | 65 Senhoras em ação |
| 06 Curtas | 66 Reconhecimentos da
Fundação Rotária |
| 23 Interact & Rotaract | 69 Rotarianos que são notícia |
| 27 Cultura | 70 Os 50 mais |
| 43 Autores rotarianos | 71 Aconteceu na Brasil Rotário... |
| 46 Distritos em revista | 72 Relax |

Revista de Propriedade da Cooperativa Editora Brasil Rotário
 CNPJ 33.266.784/0001-53 ■ Inscrição Municipal 00.883.425
Av. Rio Branco, 125, 18° andar CEP: 20040-006 – Sede própria
Rio de Janeiro – RJ ■ Tel: (21) 2506-5600 / FAX: (21) 2506-5601
Site: www.brasil-rotario.com.br ■ E-mail: redacao@brasil-rotario.com.br

CONSELHO SUPERIOR
Colégio de Diretores do RI – Zonas 22 e 23 AJ

Mário de Oliveira Antonino (Recife-PE) EDRI 1985-87	Hipólito Sérgio Ferreira (Belo Horizonte-MG) EDRI 1999-01	Themístocles A. C. Pinho (Niterói-RJ) EDRI 2007-09
Gerson Gonçalves (Londrina-PR) EDRI 1993-95	Alceu Antimo Vezozzo (Curitiba-PR) EDRI 2001-03	Antonio Hallage (Curitiba-PR) EDRI 2009-11
José Alfredo Pretoni (São Paulo-SP) EDRI 1995-97	Luiz Coelho de Oliveira (Limeira-SP) EDRI 2003-05	José Antonio Figueiredo Antório (Osasco-SP) DRI 2011-13

Carlos Henrique de Carvalho Fróes
 (Rio de Janeiro-RJ)
 EGD 1986-87 e ex-presidente da Cooperativa Editora Brasil Rotário

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO 2011-13

Diretoria Executiva
Presidente
 Ricardo Vieira Lima Magalhães Gondim
Vice-Presidente de Operações
 Milton Ferreira Tito
Vice-Presidente de Administração
 Waldenir de Bragança
Vice-Presidente de Finanças
 Wilmar Garcia Barbosa
Vice-Presidente de Planejamento e Controle
 Bemvindo Augusto Dias
Vice-Presidente de Marketing
 José Alves Fortes
Vice-Presidente de Relações Institucionais
 José Luiz Fonseca
Vice-Presidente Jurídico
 Jorge Bragança

MEMBROS EFETIVOS

Dulce Grünewald Lopes de Oliveira
 Fernando Antonio Quintella Ribeiro
 Geraldo da Conceição
 Hertz Uderman
 José Moutinho Duarte
 José Ubiracy Silva
 Márcio Cavalca Medeiros
 Vicente Herculano da Silva

MEMBROS SUPLENTES

Abel Mendes Pinheiro Júnior
 Fernando Teixeira Reis de Souza

GERENTE EXECUTIVO

Gilberto Geisselmann

ASSESSORES

Alberto de Freitas Brandão Bittencourt
 Aroldo Mendes de Araújo
 Eduardo Alvares de Souza Soares
 Eduardo de Barros Pimentel
 Flávio Antônio Queiroga Mendlovitz
 Gedson Junqueira Bersanete
 Herlon Monteiro Fontes
 Ivo Arzuza Pereira
 Orlando Graneiro
 Taketoshi Higuchi

CONSELHO FISCAL

Membros efetivos
 Joper Padrão do Espírito Santo
 Ril Moura
 Sebastião Porto
Suplentes
 Cláudio da Cunha Valle
 Nilson Moura
 Paulo César Tinoco

CONSELHO CONSULTIVO DE GOVERNADORES

Membros natos efetivos
 Governadores 2011-12
Representante
 Márcio Cavalca Medeiros

COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA

Presidente
 Ricardo Vieira Lima Magalhães Gondim
Membros
 Bemvindo Augusto Dias
 Gilberto Geisselmann
 José Alves Fortes
 Luiz Renato Dantas Coutinho
 Manoel Magalhães
 Milton Ferreira Tito
 Nuno Virgílio Neto
 Renata Coré

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO

Presidente
 Ricardo Vieira Lima Magalhães Gondim
Membros
 Bemvindo Augusto Dias
 Fernando Antonio Quintella Ribeiro
 Jorge Bragança
 José Alves Fortes
 José Luiz Fonseca
 José Ubiracy Silva
 Márcio Cavalca Medeiros
 Márcio César de Camargo
 Milton Ferreira Tito
 Waldenir de Bragança
 Wilmar Garcia Barbosa

EXPEDIENTE

EDITOR: Ricardo Vieira Lima Magalhães Gondim
JORNALISTA RESPONSÁVEL: Luiz Renato D. Coutinho – Jorn. Prof. 25583RJ
REDAÇÃO-CHEFE: Nuno Virgílio Neto
REDAÇÃO: Alex Mendes, Armando Santos, Luiz Renato D. Coutinho, Manoel Magalhães, Maria Cristina Andrade, Maria Lúcia Ribeiro de Sousa, Nuno Virgílio Neto e Renata Coré
IMPRESSÃO: Log & Print Gráfica e Logística S.A.
DIGITALIZAÇÃO: Alex Mendes e Armando Santos
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 56.500 exemplares
ENDEREÇO: Av. Rio Branco, 125 – 18° andar – Rio de Janeiro – RJ
 CEP 20040-006 – Tel.: (21) 2506-5600
E-MAIL DA REDAÇÃO: redacao@brasil-rotario.com.br
HOME PAGE: www.brasil-rotario.com.br

*As matérias assinadas são de inteira responsabilidade dos seus autores.

No calendário do Rotary, setembro é o Mês das Novas Gerações. A melhor maneira de se comemorar a juventude é ensinar os jovens a acreditar em seus próprios sonhos. Para quem tem uma vida cheia de possibilidades pela frente, nada pode ser mais frustrante do que se ver obrigado a desistir de um sonho antes mesmo de começar a sonhá-lo.

É nessa hora que a educação faz toda a diferença. Um jovem que tem a chance de desenvolver suas habilidades e de se situar numa perspectiva histórica que o permita ver que outros homens e mulheres, antes dele, sonharam sim sonhos impossíveis, e que tudo que ele deseja na vida pode ser conquistado com ética, dignidade e solidariedade, é alguém mais preparado para não desistir diante das primeiras dificuldades.

Considerada a maior obra educacional do Rotary em todo o mundo, e prestes a completar 65 anos de história, a Fundação de Rotarianos de São Paulo vem capacitando gerações de jovens brasileiros a sonhar. Seja por meio do Colégio Rio Branco (uma das mais tradicionais instituições de ensino de São Paulo), das Faculdades Integradas ou do ensino gratuito que oferece a jovens de baixa renda na Escola para Crianças Surdas e no Centro Profissionalizante, a Fundação de Rotarianos de São Paulo alinha todas as suas atividades em uma única filosofia: servir com excelência, por meio da educação, formando cidadãos éticos, solidários e competentes.

Durante dois dias de visita a essas instituições, nossa reportagem pôde conhecer de perto como essa proposta se converte em pedagogia. São histórias de professores e alunos que veem o futuro como um lugar de menos diferenças e mais convívio – e um Brasil que se fará grande não somente pelo tamanho de sua economia, mas pelas oportunidades que conseguem gerar para todos. Ou como nos disse Sabine Vergamini, diretora da Escola para Crianças Surdas: “Aqui a gente parte do princípio de que incluir uma criança é dar a ela a mesma oportunidade de aprender e evoluir que é dada às outras”. Um passeio imperdível que começa na página 30.

Ainda comemorando o Mês das Novas Gerações, tema abordado pelo presidente Kalyan Banerjee em sua coluna mensal, trazemos uma grande novidade: a reformulação da seção *Interact e Rotaract*, agora ampliada e com novo conteúdo. Esperamos que vocês gostem.

A Brasil Rotário, consciente de sua responsabilidade ambiental e social, utiliza papéis com certificado FSC (Forest Stewardship Council) para a impressão desta revista. A Certificação FSC garante que uma matéria-prima florestal provinha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado.



Educação co

● EDNALDO HENRIQUES dos Santos Júnior, aluno do Centro Profissionalizante Rio Branco. Formar jovens aprendizes foi uma das primeiras iniciativas contempladas pelo projeto educacional da Fundação



m responsabilidade social

A Fundação de Rotarianos de São Paulo é responsável pela maior obra educacional do Rotary no mundo

Luiz Renato D. Coutinho e Nuno Virgílio Neto*

Fotos: Nina Bruno

Em 1946, 20 associados ao Rotary Club de São Paulo, no então distrito 28, se uniram para pensar uma obra educacional que servisse de modelo de gestão e responsabilidade social, em uma época em que este tema ainda não estava difundido. Assim nasceu a Fundação de Rotarianos de São Paulo, que naquele mesmo ano recebia, das mãos do senador José Ermírio de Moraes, o tradicional Colégio Rio Branco, localizado na cidade de São Paulo. Começava aí uma longa história de sucesso na área de educação e gestão empresarial. A instituição de ensino cresceu e em 1960 mudou-se para o Edifício Rotary. Continuou crescendo e em 1982 inaugurou uma segunda unidade, na Granja Viana, distrito da Grande São Paulo.

Perseguindo o projeto inicial daquele grupo de rotarianos, que preconizava a oferta de serviços educacionais em todos os níveis, a Fundação de Rotarianos de São Paulo criou os cursos de graduação em 1999, e um campus na Lapa, zona oeste de São Paulo, foi concluído em 2002 para abrigar as Faculdades Integradas Rio Branco. Começava outro exemplo de sucesso educacional e de expansão empresarial. No início deste ano, as Faculdades expandiram-se para a Unidade Granja Viana.

A obra da Fundação não estaria completa sem destacarmos duas estruturas filantrópicas também de alto nível: a Escola para Crianças Surdas Rio Branco, criada em 1977, e o Centro Profissionalizante Rio Branco, gratuitos e também localizados na Unidade Granja Viana. O Centro tem a idade da Fundação – de 1946 a 1997 o seu nome era Lar Escola Rotary. E os

cursos profissionalizantes ainda estão presentes na Unidade Campus Oeste, nas dependências das Faculdades Integradas.

Falar de tudo isso é falar de Eduardo de Barros Pimentel, presidente da Fundação de Rotarianos de São Paulo desde 1997 e decano do Colégio de Governadores do Distrito 4610. Empresário, engenheiro e bacharel em direito, ele foi um dos responsáveis pela criação da Unicamp. Eduardo nos falou sobre sua longa e bem-sucedida experiência de gestor e educador: “Uma coisa é criar, outra é por uma estrutura em funcionamento. Às vezes, fica-se no academicismo, em detalhes que não são aderentes à conjuntura.” Trata-se do depoimento de alguém que pratica a arte de ensinar desde os 14 anos, quando começou a dar aulas de reforço para os colegas de classe.

Hoje, o complexo educacional Rio Branco é grandioso. Somente a Granja Viana se estende por uma área total de 81.798 m², com 22.098 m² de área construída. O Colégio Rio Branco reúne cerca de 4.000 alunos, os cursos de graduação outros 2.100, a Escola de Surdos, 69, e os cursos profissionalizantes, 540. Vale ressaltar o espírito de integração pedagógica: os alunos da Escola de Surdos recebem bolsas para ingressar no Colégio Rio Branco após completarem o ciclo fundamental.

Permeando essa trajetória está a filosofia do Rotary, como veremos nas próximas oito páginas. O tamanho dessa reportagem é o tamanho da importância do tema educação. Como lembra Eduardo de Barros Pimentel: “A educação é o bem mais precioso do indivíduo; aquilo que é dado a ele e não pode mais ser tirado.”





● EDUARDO DE Barros Pimentel: “Nosso pagamento é o que dentro das nossas forças podemos fazer de melhor”

Onde a ética tem peso dois

Colégio Rio Branco oferece ensino de qualidade priorizando valores pessoais

O educador e empresário Eduardo de Barros Pimentel nos recebeu em sua sala no Edifício Rotary, um prédio de cinco andares de linhas fortes e pé direito alto no bairro de Higienópolis, na cidade de São Paulo, para falar sobre sua grande paixão: a educação. Naquele endereço funciona a Unidade Higienópolis do tradicional Colégio Rio Branco (existe ainda a Unidade Granja Viana), dedicado aos ensinos médio e fundamental, e que formou gente como o corredor de Fórmula 1 Ayrton Senna e os atores Antônio Fagundes e Dan Stulbach, entre tantos outros. Aliás, o Teatro Rio Branco, que também funciona ali, completou 25 anos.

Recorrendo ao relato de vários episódios vividos desde que abraçou o tema educação – isso bem antes de ser rotariano, aos 33 anos, em 1959 –, Eduardo Pimentel nos forneceu uma reflexão sobre os desafios do ensino e a missão da Fundação de Rotarianos de São Paulo, da qual participa desde 1968.

Uma de nossas primeiras perguntas foi sobre a realidade educacional brasileira. O empresário não hesitou em apontar os obstáculos: “Em primeiro lugar, a falta de sensibilidade de governantes. Em segundo, o fato de que antigamente a educação era vista como um bem para poucos, para uma elite. Depois, nos anos 60, houve uma nova fase, com a educação massificada, respaldada pelo Estado, mas tal política parecia não render votos...”.

A Fundação procura fazer a sua parte. Todo ano ela doa cerca de 8 milhões de dólares sob a forma de bolsas ou de sustentação ao Centro Profissionalizante Rio Branco e à Escola para Crianças Surdas, duas instituições inteiramente gratuitas. “Esse dinheiro não vem de rotarianos, da área governamental ou da Fundação Rotária. Nós somos autossuficientes, pois o colégio e as faculdades são pagas.”

Os dirigentes da Fundação, porém, são todos voluntários. “Nosso pagamento é o que dentro das nossas forças

podemos fazer de melhor”, afirma.

Para proporcionar maior dinamismo à estrutura acadêmica e integrá-la aos novos tempos, a Fundação promove viagens de estudo para a diretoria pedagógica do colégio e professores. Assim é que equipes já visitaram 18 países, dentre os quais Finlândia, Holanda e Suécia. Uma área que a instituição tem dado atenção é a da neurociência cognitiva, ressalta Eduardo, que faz questão de enviar educadores a congressos sobre o assunto.

Um detalhe igualmente importante é que apesar de ser um colégio caro – “Como oferecemos um bom ensino, cobramos um preço compatível com essa qualidade”, define o presidente –, a Comissão Pedagógica concede bolsas. Tais concessões podem ir de 10 a 100% do valor.

No entanto, a privacidade dos bolsistas é um ponto de honra da fundação – seus nomes jamais são conhecidos.

Quando perguntado sobre a convi-

vência entre alunos de classes sociais diversas, ele lembra o espírito do Colégio: “O mais importante para nós são os valores, e o aluno é estimulado a perceber o que ele é, o que ele quer ser, e não onde ele mora ou o quanto ele tem.”

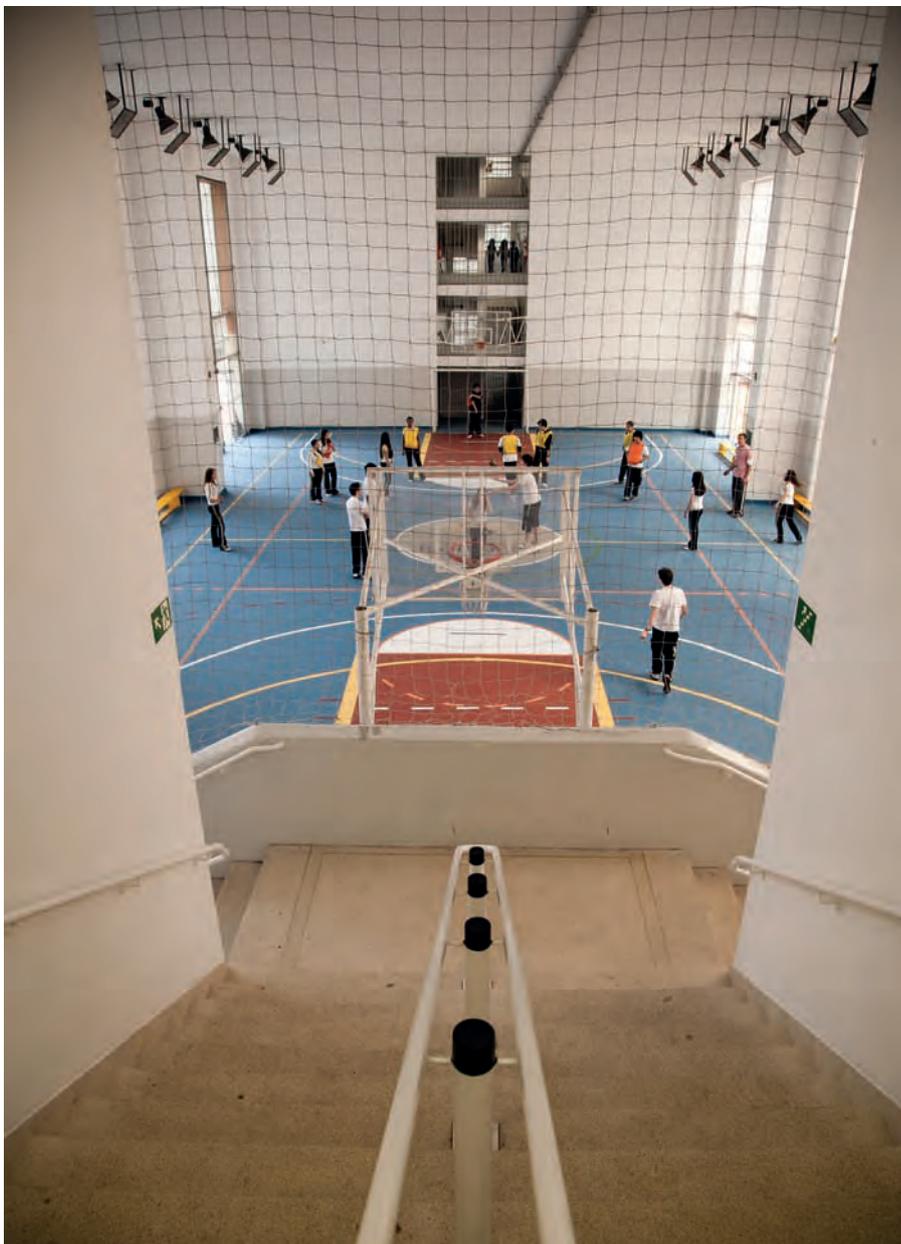
TRANSFORMANDO A SALA

Esther Carvalho, diretora-geral do Colégio Rio Branco, também aponta o diferencial da instituição de ensino em relação às outras: “Nós consideramos que é muito importante trabalhar em equipe. Como isso é implantado? Todo professor, ao conduzir o trabalho em equipe, o faz e o avalia segundo algumas referências. Isso envolve desenvolvimento profissional docente e todo um acompanhamento.”

Na prática, a sala acabou passando por uma transformação de percurso, como ela conta: “Nós rompemos um pouco a lógica da aula. Então, em vez de simplesmente termos uma aula dada, temos, por parte do aluno, um *preparar-se para essa aula*. O resultado é que surgem perguntas motivadoras.”

Por outro lado, houve um aumento do nível de exigências com o corpo docente, como explica Esther: “Ao contratarmos um novo professor, ele precisa ser preparado para as nossas referências. Além disso, trazemos assessorias externas quando necessário, porque isso oxigena o nosso trabalho e nos inspira. É importante conhecer experiências e práticas educacionais bem-sucedidas. E a experiência que o aluno tem na escola é que viabiliza aquilo no qual acreditamos.”

Thaís Sant’Ana de Moraes, diretora da Unidade Higienópolis, comenta como os ideais da Fundação e do Rotary envolvem os alunos: “O Colégio Rio Branco trabalha com formação humana. Isso se dá no dia a dia, no gerenciamento de um conflito, em uma situação de sala de aula, ou quando o aluno, por exemplo, realiza um trabalho sobre a questão ambiental. Ele vai manifestando seus valores e sua ética por meio de situações problemas.”



● AS UNIDADES Higienópolis (acima) e Granja Viana se destacam pelas dependências amplas e modernas e projeto pedagógico diferenciado



● ESTHER CARVALHO (à esquerda) e Thaís Sant’Ana de Moraes

Graduações conectadas a uma filosofia

As Faculdades Integradas Rio Branco também são inspiradas pelos princípios do Rotary e despontam no mercado

O sonho dos 20 membros do Rotary Club de São Paulo que se reuniram em 1946 não estaria completamente realizado sem o surgimento das Faculdades Integradas Rio Branco, localizadas no bairro paulistano da Lapa. A instituição, instalada em um campus de 24.000 m², com 10.000 m² de área construída, hoje abriga 18 cursos de graduação, dentre os quais administração, direito, relações internacionais, gestão comercial, sistemas de informação, jornalismo, editoração, publicidade, rádio e TV e ciências econômicas (os cinco primeiros cursos são os mais procurados).

O diretor-geral, Edman Altheman, é só sorrisos ao falar das boas ava-

liações obtidas pelas Faculdades: “O MEC costuma avaliar uma instituição a partir de três macro indicadores: a infraestrutura, o corpo social e a organização didático-pedagógica. Nossa infraestrutura é de primeiro mundo, com salas de aula de 30 alunos. Este é um diferencial do relacionamento acadêmico: os professores tratam os alunos como pessoas e não como número, e os alunos reconhecem isso. E no que concerne ao corpo social, nós temos 85% de mestres e doutores das melhores escolas.” Ele também informa que um curso pequeno costuma ter uma média de 15 professores, os maiores, 30. Fora isso, dos 47 funcionários do campus, 60% são graduados.



As Faculdades Integradas Rio Branco começaram na Unidade Higienópolis em 2001. Meses depois, a Fundação achou por bem encontrar um espaço próprio para os cursos. Foi assim que se inaugurou, em 2002, o campus atual, ocupando um antigo shopping center, totalmente remodelado. No novo endereço, uma das primeiras providências administrativas foi colocar ônibus gratuitos levando às estações de metrô e à Granja Viana, distrito vizinho, para facilitar o acesso.

Em 2004, as Faculdades contavam com cerca de 600 alunos. “Hoje, temos por volta de 2.500”, compara Altheman. “A ideia é que o campus chegue a um máximo de 4.000 alunos.”

Um outro marco nessa história ocorreu no início deste ano, com a inauguração de um campus no complexo da Granja Viana, que recebeu o curso de administração.

Além da expansão do corpo discente, Altheman tem outras metas a médio prazo: “Para nos tornarmos universidade, precisamos ter três mestrados *stricto sensu* e um doutorado. Nesse sentido, em casamento com os ideais do Rotary, uma das



● O CAMPUS atual foi inaugurado no bairro da Lapa em 2002 e ocupa 10.000 m² de área construída, abrigando 18 cursos de graduação



● SALAS DE aula de cerca de 30 alunos permitem uma relação mais personalizada entre corpo discente e docente

“Nós temos aqui o Dia Diferente. Na data, alunos, professores e funcionários saem para trabalhos comunitários propostos pelos próprios alunos. No ano passado, foram aprovados 33 projetos, e mais de 800 pessoas participaram. Houve reforma e entrega de mobiliário novo para uma creche, atendimento jurídico dos professores em comunidades carentes, e entrega de equipamentos eletrônicos para entidades assistenciais. Já fazemos essas iniciativas há sete anos. Isso tem a ver com o servir do Rotary e com a área de responsabilidade social.”

Outra iniciativa é o Bolsa Mérito. Por meio dela, o melhor aluno de cada turma ganha um semestre de graça. “São aproximadamente 50 bolsas por semestre, representando cerca de 200 mil reais de receita renunciada”, estima o diretor.

Além disso, 60% dos alunos das Faculdades são beneficiados com algum tipo de bolsa. Este é um outro fato que vai ao encontro do espírito do Rotary e da Fundação de Rotarianos de São Paulo.

Ao fim da entrevista, Altheman recebeu outra boa notícia: o relatório do MEC acabava de conceder nota 5 (a mais alta) para o curso de gestão comercial.

linhas de pesquisa que pretendemos desenvolver é a de responsabilidade social. Outras linhas são internacionalização, empreendedorismo e gestão empresarial. Não se faz isso em menos de cinco anos”.

Até lá, ele se programa para uma etapa intermediária: a constituição das Faculdades Integradas em Centro Universitário. “Isso permitirá o lançamento de cursos de acordo com a decisão da comunidade universitária e a iniciação científica.”

quem não quer, e muitas vezes porque já está empregado”, explica.

FILOSOFIA ROTÁRIA

Apesar de o perfil do estudante ser, em geral, moldado pelo que o mercado pede, as Faculdades não se esquecem de incorporar o desejo da sociedade, que é pensada por meio da filosofia rotária. Basta ouvirmos Altheman falar de algumas iniciativas desenvolvidas para percebermos como elas são familiares ao Rotary:

MERCADO DE TRABALHO

O curso de comunicação social reúne atualmente cerca de 700 alunos, administração e direito, cerca de 450 cada, relações internacionais perto de 300. Todos cursos bastante procurados. E as notícias permanecem boas: segundo o diretor, uma aluna de relações internacionais, recentemente, em discurso de formatura, noticiou que 80% dos seus colegas de turma estão trabalhando na área. De acordo com Altheman, os egressos de comunicação social, em sua maioria, também estão empregados. “Na coordenação de estágio nós temos 400 empresas conveniadas de todos os tamanhos. Só não faz estágio aqui



● EDMAN ALTHEMAN: “Na coordenação de estágio nós temos 400 empresas conveniadas de todos os tamanhos. Só não faz estágio aqui quem não quer”



● ALUNOS DURANTE atividade em sala de aula: aprendizagem em Libras e língua portuguesa antes do acesso às turmas regulares

O convívio construindo identidades

Essa é a ideia por trás da Escola para Crianças Surdas Rio Branco

Thaís Ribeiro tinha nove anos quando passou pela primeira vez pelos portões da Fundação de Rotarianos de São Paulo, na Granja Viana. Foi lá, na Escola para Crianças Surdas Rio Branco, que ela aprendeu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e se alfabetizou em português, antes

de tornar-se aluna do Colégio Rio Branco. Hoje com 24 anos, formada em pedagogia pelas Faculdades Integradas Rio Branco, Thaís continua indo à escola todos os dias, só que agora como educadora, ajudando outras crianças como ela a descobrir seu papel no mundo. “Aqui eu encontrei minha identidade”, ela nos conta, enquanto leva um grupo de alunos de volta à sala de aula depois do recreio.

A história de Thaís ilustra bem a proposta educacional da escola: promover o respeito às diferenças por meio da efetiva inclusão da minoria surda numa sociedade majoritariamente ouvinte. Criada em 1977, hoje com 69 alunos matriculados, a Escola para Crianças Surdas Rio Branco oferece educação gratuita a crianças e jovens surdos provenientes de famílias de baixa renda – de uns tempos para cá, um certo número de alunos pagantes também passou a ser admitido.

Um aspecto central dessa inclusão é a interação dos alunos com seus familiares. Ao matricular seus filhos na escola, as famílias assumem o compromisso de participar do curso de Libras, também gratuito, e de compartilhar uma série de atividades promovidas pelos educadores para estimular a comunicação entre pais e filhos – muitas delas feitas num espaço que reproduz uma casa adaptada para crianças surdas, com paredes mais baixas entre os cômodos para facilitar a comunicação visual.

A história de Thaís também nos mostra que o Brasil precisa avançar muito na maneira como lidamos com a pessoa surda – porque as oportunidades que Thaís teve são, infelizmente, uma exceção. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 10% da população mundial apresenta algum tipo de problema auditivo. No Brasil, de acordo com o Censo de 2000, há



● SABINE VERGAMINI, diretora da escola: educando para a diferença

5,75 milhões de surdos. Mas segundo outra estatística, gerada pelo Censo Escolar de 2003, apenas 344 brasileiros com surdez estavam matriculados nas universidades brasileiras.

“As pessoas têm a ideia de que incluir uma criança surda é colocá-la no mesmo espaço físico das outras. Mas aqui a gente parte do princípio de que incluir uma criança é dar a ela a mesma oportunidade de aprender e evoluir que é dada às outras”, explica Sabine Vergamini, diretora da escola, mostrando que o modelo pedagógico da instituição propõe um caminho intermediário entre aquele que defende a permanência das crianças surdas em escolas especiais por toda a vida (excluindo-as de experiências e oportunidades que as pessoas ouvintes têm) e aquele que advoga o fim das escolas especiais e a admissão da criança surda desde cedo em escolas regulares – o que provoca verdadeiras tragédias pessoais quando sabemos que essa “inclusão” é feita quase sempre sem preparo e as adaptações pedagógicas necessárias.

INCLUSÃO DESDE CEDO

O ideal é que a criança com surdez tenha contato com a Libras e outras crianças surdas o mais cedo possível, o que na Escola da Granja Viana é estimulado já na faixa etária de até três anos. Lá, metade dos professores são surdos. “Com eles, os alunos veem desde muito cedo que um surdo pode estudar, casar e ter filhos”, Sabine explica. Essa etapa inicial do processo pedagógico é importante também para os pais, que passam a conviver e trocar experiências com outras famílias. Entre os três e os cinco anos, as crianças começam a frequentar aulas regulares de educação infantil, complementadas por atividades esportivas, culturais e de socialização desenvolvidas em parceria com os alunos ouvintes da unidade de Granja Viana do Colégio Rio Branco.

O projeto segue por mais duas etapas, terminando com a inclusão dos alunos surdos, como bolsistas,



● THAÍS RIBEIRO, a aluna que virou professora: uma história de vida que resume a missão pedagógica da escola de incluir promovendo oportunidades

em classes regulares do Colégio Rio Branco e de instituições parceiras, nas quais são acompanhados, sem qualquer custo, por tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa. Esse convívio entre alunos surdos e ouvintes é uma marca da Escola para Crianças Surdas Rio Branco – e uma experiência definitiva para todos eles. E nos mostra que aquilo que consideramos ser diferente ou limitador é algo bem relativo, que pode ser redefinido pela

educação. Como na história de uma família em que o pai, a mãe e um dos filhos eram surdos, e cuja dificuldade era justamente adaptar-se ao outro filho, ouvinte – e a maior preocupação da escola, neste caso, passou a ser justamente com ele. “A mãe nos disse que precisou aprender a ter um filho ouvinte, e que a casa deles precisava de um aparelho de som, porque aquilo era importante para o menino”, Sabine lembra. “Aqui nós educamos para a diferença”.



● NUMA DAS salas de aula do Colégio Rio Branco, as alunas Thaís Marcela de Lima e Jéssica Samara da Silva, e o intérprete José Alcélcio Félix da Silva



Onde você quer estar amanhã?

Cepro promove capacitação profissional como o primeiro passo para a realização dos sonhos de jovens aprendizes

Seguindo o caminho de seus irmãos mais velhos, Ednaldo Henrique dos Santos Júnior é aprendiz do Centro Profissionalizante Rio Branco (Cepro). “Minha irmã ficou muito feliz quando soube que eu passei na prova”, ele conta, sorrindo. O sonho de Ednaldo é ser arquiteto. “Gosto muito de desenhar. Meu pai é marceneiro e faz móveis para muitos arquitetos. Acho que foi aí que esse meu sonho começou.”

Sentado em sala de aula, Ednaldo desenha, literalmente, o próprio futuro. Numa espécie de caderno em que contam com palavras e imagens sua vida até agora, e onde pretendem estar daqui a dez anos, Ednaldo e seus colegas de turma estão fazendo, na verdade, uma espécie de “carta de navegação para o futuro”. Chamado de Habilidades para a Vida, esse módulo faz parte de uma capacitação prévia promovida pelo Cepro. Com duração de seis meses e o objetivo de complementar a capacitação pro-

fissional específica dos aprendizes, no semestre seguinte, essa etapa do programa desenvolve nos alunos uma série de conteúdos de natureza comportamental, voltados a melhorar sua auto-estima e, acima de tudo, fazê-los lutar por seus sonhos.

No caso de Alana Martins dos Santos o sonho é estudar administração de empresas para gerenciar a loja que planeja abrir junto com uma amiga, também aluna do Cepro. Luana Santos, de 15 anos, a mesma idade de Alana e Ednaldo, é outra futura arquiteta do grupo. Ela decidiu estudar no Cepro por conta da experiência de um irmão mais velho, ex-aprendiz, hoje empregado. “Está sendo ótimo estudar aqui”, diz.

APRENDENDO A ACREDITAR

Fundado na Granja Viana há mais de 60 anos, o Cepro é, acima de tudo, um lugar onde se ensina a acreditar nos sonhos e na capacidade que temos de superar dificuldades para que eles

se realizem. Oferecendo capacitação profissional gratuita a alunos da rede pública de ensino fundamental e médio (cerca de 540 matriculados todos os anos), o trabalho do Cepro tem uma importância inquestionável, pois mesmo com a economia em alta, o primeiro emprego continua sendo o maior desafio do Brasil na área do trabalho. Em maio de 2010, 3,5 milhões de jovens com idades entre 15



● SUSANA PENTEADO, diretora do Cepro: alunos acompanhados de perto



e 25 anos estavam desempregados. A geração recorde de empregos formais no ano passado (2,5 milhões de vagas) é um sinal de alerta para que o país invista mais na área de qualificação profissional, pois já não há excesso de trabalhadores qualificados à disposição das empresas.

Diretora do Cepro, Susana Pentado está na Fundação de Rotarianos de São Paulo desde 1984, quando foi contratada para trabalhar com as crianças surdas – ela é fonoaudióloga por formação. Em 1993, Susana passou para o Cepro, onde uma de suas tarefas é coordenar a equipe que busca parcerias com as empresas que aloca os aprendizes. “Fazemos um trabalho de sensibilização e esclarecimento, explicando, por exemplo, que as empresas têm uma cota de aprendizagem que precisa ser cumprida, ou que a carga horária do aprendiz deve ser rigorosamente respeitada”, ela diz. “Mas várias dessas empresas já fazem um trabalho muito bonito de responsabilidade social.”

No Cepro, o aprendiz recebe acompanhamentos semanais, feitos com base em seu próprio depoimento e em avaliações de uma assistente social e da empresa onde está empregado. Além de capacitá-lo para a profissão que irá exercer, o objetivo é dar a esse jovem uma perspectiva ampla da empresa, fazendo-o passar em sala

de aula por todos os departamentos, e desenvolvendo nele habilidades que facilitem seu relacionamento com os colegas de trabalho e os chefes. Nesse rol de disciplinas incluem-se aulas sobre como atender a um telefonema numa empresa ou mesmo sobre como escolher a roupa certa para uma entrevista de emprego. Aulas de informática, noções administrativas e de reforço em conteúdos indispensáveis de língua portuguesa e matemática também fazem parte do currículo.

Paulo Henrique Nobre, de 19 anos, está num dos corredores do Cepro. Ex-aprendiz, ele voltou para fazer uma visita e matar a saudade dos amigos que deixou. “Sinto falta daqui”, ele confessa. Paulo conta que está cursando a faculdade de administração (como bolsista pleno) e que o objetivo para daqui a uns anos é

● A PARTIR da esquerda, na outra página, Luana Santos, Alana Martins, Ednaldo Henriques dos Santos Júnior e Paulo Henrique Nobre: jovens em busca de seus sonhos num país onde o primeiro emprego continua sendo um desafio

especializar-se em marketing e propaganda. Sonhos que ele talvez nem soubesse ter antes de virar aluno do Cepro. “Um aprendiz sai daqui totalmente transformado. Eu era tímido, daqueles que nem levantam a cabeça para falar. Mas isso aqui muda a gente”, ele diz. “É tanta experiência nova que você acaba desenvolvendo um lado que nem sabia ter.”

* Os autores são jornalistas da **Brazil Rotário**.

NA REDE

■ ■ ■ Visite nosso site e veja mais fotos do Colégio Rio Branco, das Faculdades Integradas Rio Branco, da Escola para Crianças Surdas e do Cepro, além de um vídeo que apresenta um pouco de cada um deles.

■ ■ ■ Para conhecer melhor o trabalho da Fundação de Rotarianos de São Paulo e das entidades que ela mantém, acesse www.frsp.org